

FICHA TÉCNICA

Título original: *All the Birds, Singing*

Autora: *Evie Wyld*

Copyright © Evie Wyld, 2013

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2015

Tradução: *Isabel Alves*

Fotografia da capa © *Sophie Broadbridge*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 389 165/15

1.ª edição, Lisboa, abril, 2015

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Mais uma ovelha estropiada e esvaída em sangue, as entranhas ainda moles e exalando vapores como um pudim cozido. Os corvos, de bicos brilhantes, pavoneavam-se e crocitavam e, quando lhes acenei com o bordão, levantaram voo para as árvores, pondo-se a observar, a voejar e a cantar, se é que se pode chamar-lhe canto. Espetei com uma bota no focinho do *Dog* para o impedir de levar uma tripa do animal como recordação, e o bicho deixou-se estar ao meu lado enquanto eu carregava a carcaça do campo para o tendal.

Tinha saído para os campos nessa manhã antes de o dia romper, falando sozinha, relatando ao cão as coisas que era necessário fazer enquanto ouvia os melros a despertar no pilriteiro. Como uma demente que ouve a sua própria voz, o vento obrigando-me a engoli-la e assobiando na minha boca aberta como sucedia todas as manhãs desde que vim viver para a ilha. Com as árvores a restolhar na mata e as ovelhas a balir atrás de mim, as mesmas árvores, o mesmo vento e as mesmas ovelhas.

Com esta, eram duas mortes num mês. A chuva começou a cair e uma súbita rajada de vento lançou-me excremento de ovelha contra a nuca como uma ferroadada. Levantei a gola e protegi os olhos com a mão.

Cri-crá, frio, cri-crá, frio.

— Estão a rir-se de quê? — gritei aos corvos, atirando-lhes uma pedra. Limpei os olhos às costas da mão e inalei e exalei profundamente para me livrar do cheiro a sangue. Os corvos calaram-se. Quando me virei para olhar, cinco estavam sentados

em fila no mesmo ramo, fitando-me em silêncio. O vento soprou-me o cabelo para os olhos.

A loja da quinta em Marling exibia um letreiro empenado e descolorido na base do portão que dizia: PORQUINHOS-DA-ÍNDIA BEBÉS GRATUITOS. Nunca havia vestígio algum dos tais porquinhos-da-índia gratuitos e já ia longe o tempo em que eu ainda era capaz de perguntar. Lá estava a pálida filha do proprietário a fazer palavras cruzadas. Levantou os olhos para mim e voltou a baixá-los, como que embaraçada.

— Olá — disse-lhe eu.

Ela corou, mas acusou a minha presença com um gesto impercetível. Trazia um grosso fato de treino verde e tinha o cabelo atado num rabo de cavalo. Exibia em redor dos olhos a ténue vermelhidão fruto de uma noite a chorar ou a beber.

Normalmente, as batatas nesta loja eram boas, mas todas em que peguei estavam um pouco moles. Voltei a pousá-las e passei aos tomates, mas também estes eram de má qualidade. Olhei para a estufa da quinta, lá fora, e reparei que as janelas estavam todas partidas.

— Ouve lá — interpelei a rapariga que já estava a olhar para mim quando me virei, chupando a ponta do lápis —, que aconteceu à vossa estufa?

— Foi o vento — respondeu, desviando o lápis ao canto da boca por um momento. — O meu pai mandou-me dizer que foi o vento que a destruiu.

Viam-se os vidros espalhados no exterior onde normalmente havia vasos de feios ciclâmenes cor-de-rosa com um letreiro que dizia: A JOIA PARA O SEU JARDIM DE INVERNO. Agora era só terra preta e vidro.

— Credo! — disse eu.

— É sempre um desatino na véspera de Ano Novo — disse a rapariga numa voz mais madura que nos surpreendeu a ambas. Ela corou ainda mais e voltou a pousar os olhos nas palavra cruzadas. Na estufa, o homem geralmente encarregado da loja estava sentado com a cabeça entre as mãos.

Levei algumas laranjas, alhos-franceses e limões para o balcão. Não precisava de nada, a viagem era mais um pretexto para sair do que para me abastecer. A rapariga tirou o lápis da boca e pôs-se a contar as laranjas, mas, insegura, recomeçou várias vezes. Pairava um odor a álcool à volta dela, disfarçado por um excesso de perfume. Ressaca, portanto. Imaginei uma alteração com o pai. Olhei mais uma vez para a estufa, assolada pelo vento, o homem lá dentro sempre com a cabeça entre as mãos.

— São nove coisas? — perguntou ela e, apesar de não as ter contado ao enfiá-las no cesto, disse que sim. Ela deu entrada dos números na caixa registadora.

— Deve ser triste ficar sem a estufa — comentei, reparando numa pequena nódoa negra na testa da rapariga. Ela não levantou os olhos.

— Podia ser pior. Devíamos ter recebido uma entrega do continente mas o *ferry* hoje não está a funcionar.

— O *ferry* não está a funcionar?

— Faz muito mau tempo — disse ela, mais uma vez naquela voz madura que nos constrangia a ambas.

— É a primeira vez que ouço tal coisa.

— Mas acontece — disse ela, pondo as minhas laranjas num saco e o resto noutro. — Agora fazem os barcos novos tão grandes que não são seguros quando está mau tempo.

— Sabes qual é a previsão do tempo?

A rapariga relanceou os olhos rapidamente na minha direção e baixou-os de novo.

— Não. Quatro libras e vinte, por favor. — Contou lentamente o meu dinheiro. Ao fim de duas tentativas, acertou com o troco. Pensei no que teria ouvido de novo sobre mim. Eram horas de ir embora mas não me mexi.

— Que se passa afinal com os porquinhos-da-índia grátis?

Um rubor cobriu-lhe novamente a cara.

— Já não estão cá. Demo-los à cobra do meu irmão. Havia uma carrada deles.

— Ah!

A rapariga sorriu.

— Já foi há muitos anos.

— Pois — respondi.

A rapariga tornou a enfiar o lápis na boca e baixou lentamente os olhos para as palavras cruzadas. Apercebi-me de que estava simplesmente a colorir os quadrados brancos.

Já enfiada no jipe, descobri que tinha deixado as laranjas na loja. Olhei para a estufa destruída através do espelho retrovisor e vi o homem lá dentro levantar-se, com as mãos nas ancas, e olhar para mim. Tranquei as portas e arranquei sem as laranjas.

Quando começou a chover torrencialmente, aumentei o aquecimento e pus os limpa-para-brisas a trabalhar na velocidade máxima. Passámos pelo local onde geralmente parava para passear o *Dog*; sentado no banco do passageiro, ele olhava intensamente para mim e, sempre que eu me virava para olhar para ele, arrebata as orelhas como se estivessemos em amena cavaqueira e eu estivesse a evitar o seu olhar.

— Que queres? — disse eu. — És um cão. — Ele virou-se para o outro lado e pôs-se a olhar pela janela.

A meio caminho de casa, a realidade atingiu-me e encostei junto da entrada para um campo vazio. O *Dog* olhava imperturbavelmente pela janela, quieto e calmo, e eu pressionei a cana do nariz com o polegar, tentando dissipar o formigueiro, cravei as unhas da outra mão na pele do peito para abafar essa velha dor surda que acompanhava a perda de uma ovelha, uma gota de sangue caindo num olho aberto. Rompi num choro sem lágrimas, uma sucessão de roncos, com a boca aberta, fazendo o jipe baloiçar e sentindo algo a apertar-se dentro de mim sem conseguir soltar-se. *Isso, deita tudo cá para fora*, era o género de coisa que a minha mãe dizia a um dos trigêmeos na esperança de que não fosse necessária uma visita ao hospital. Como no dia em que o Cleve caiu de uma árvore e se desfez em lágrimas, e mais tarde descobrimos que partira um braço. Mas o meu choro não tinha nada de bom, impedia-me de respirar, doía. Parei quando comecei a sangrar do nariz, limpei o sangue com a camurça que usava nos dias em que as janelas se embaciavam por dentro e segui calmamente viagem.

Na Military Road, próximo da viragem para casa, estavam alguns adolescentes a trocar carícias na paragem do autocarro. Quando me viram a aproximar, um dos rapazes fingiu que metia qualquer coisa à boca, outro montou-o por trás, encavalitando-se nele e mimando o arremesso de um laço. As raparigas romperam em gargalhadas e mostraram-me o dedo. Quando fiz a curva, o rapaz do laço deixou cair as calças e mostrou-me o rabo branco.

Pousei uma cafeteira ao lume com com demasiada força.

— Estupores dos putos — disse ao *Dog*, mas ele, de costas para mim, não estava a ouvir.

Bati com a porta do frigorífico e encostei a cabeça contra ela. Que estupidez ter-me acomodado tanto! O frigorífico respondeu com um zunido de concordância. Que estupidez ter pensado que não ia tudo descambar num desastre. Essa sensação idiota que experimentei quando vi a casa pela primeira vez, baixa e branca como um seixo calcário no sopé negro das pastagens ondulantes, a segurança de não ter ninguém por perto a espiar-me, parecia ter acontecido há uma eternidade. Levei a mão ao lado do frigorífico para sentir o cabo do machado.

Havia uma mancha castanha na manga onde tinha escorrido sangue da ovelha morta e tirei a camisola, esfregando-a com sabão na casa de banho do andar de baixo. Cheirava a bode, mas, como a ideia de uma lavagem completa com a água fria sobre os ombros não me seduzia, respinguei simplesmente as axilas. Abri e fechei as mãos para aquecer, sentindo a direita dorida e a estalar como acontecia no tempo húmido naqueles pontos em que os ossos ainda não haviam encaixado.

Alisei a pele do rosto para trás ao espelho. A última vez que cortara a franja esta ficara dois centímetros curta de mais e a minha aparência era a de uma louca. Descobri uma dedada de sangue por baixo da orelha.

Acendi um cigarro e, segurando-o nos lábios com as mãos entrelaçadas diante de mim para distender os braços, inalei para verificar se os meus músculos continuavam tonificados, registando que sim com agrado, apesar de não fazer a tosquia há dois meses.

Mulher rija. Observei a espiral formada pelo fumo ao sair-me da boca, desvanecendo-se no ar frio. Quando a cafeteira começou a assobiar numa agonia final, fui retirá-la do lume. Ainda sentia medo de que a coisa explodisse.

Pela janela da cozinha, avistei o reflexo do sol num para-brisas no meio do vale. O Don no seu *Land Rover*. Lancei o cigarro para o lava-loiça, abri a torneira por cima, saí a correr para o pátio e peguei no carrinho de mão, o *Dog* abocanhando-me atrás do joelho por ir a correr. Subi a arfar até ao cimo do caminho, o carrinho numa chieadeira desgraçada, e parei bloqueando a passagem. Don encostou, desligando o motor. A *Midge* deixou-se ficar pacientemente no banco do passageiro, de olhos cravados no *Dog* e com a língua rosada de fora.

— Credo, mulher! Estás com um ar de meter medo — observou Don, saindo do jipe. Estava a cair granizo e eu só trazia uma *T-shirt* sem mangas. Percorreu-me com um olhar que me deixou indiferente. — Já viste a tua figura? Andas a dormir mal?

— Não, estou ótima. — Indiquei o carrinho com a cabeça. Don olhou para ele.

— Que é que tens aí?

— Outra ovelha morta. Palpita-me que são aqueles miúdos.

Don olhou para mim. A nossa respiração formava uma nuvem branca entre os dois. Ele abanou a cabeça.

— A que propósito é que um miúdo ia fazer uma coisa dessas?

— Porque é que as pessoas fazem o que fazem? Porque são imbecis e não têm mais nada que fazer.

O *Dog* saltou à *Midge* sentada no jipe e ladrrou-lhe, perante o olhar indiferente dela.

— Não — declarou Don —, não podes deitar a culpa de tudo para cima desses putos. Mesmo que alguns sejam uns patifezinhos.

— Então que é que se passou aqui? — perguntou ele à ovelha morta, debruçando-se e olhando de mais perto; estava com as mãos nas ancas. O frio era brutal. Cruzei os braços sobre o peito e tentei pôr um ar calmo.

— Encontrei-a esta manhã junto à mata.

— Junto à mata?

Concordei em silêncio.

Ele abanou a cabeça e contornou o carrinho de mão.

— Está mesmo morta.

— Não me digas. Quê, és veterinário?

Don franziu os olhos na minha direção.

Pigarreei.

— Estes putos...

Don afastou o boné dos olhos e olhou para mim.

— Foi divertido ontem à noite... devias ter aparecido no *pub* ontem à noite como eu disse.

Lá vem ele outra vez, pensei.

— Não é o meu estilo de sítio, Don. — Imaginei os homens que lá teriam estado, encostados ao bar e a falar em voz baixa, levantando os olhos sempre que entrasse uma mulher. Homens do mesmo género dos três que tinham aparecido na primeira semana, a assobiar o tema de *Farmer Wants a Wife*¹. Don era diferente. Tinha-lhe pedido ajuda da primeira vez que uma ovelha ia dar à luz sem que os filhotes tivessem dado a volta e ele tinha-me acompanhado, tinha cosido calmamente as entranhas prolapsadas da ovelha e salvado os trigémeos, servindo-me depois uma bebida e dizendo alegremente: *Toda a gente tem de aprender de uma maneira ou de outra*.

Fosse como fosse, por vezes não havia quem o calasse.

— Três anos. Não puseste os pés no *pub* uma única vez.

Era mentira. Tinha lá entrado uma vez, mas Don gostava tanto de me atirar isto à cara que nunca ouvia quando eu lhe lembrava o facto.

— Apareces aí de braço ao peito, com ar de lésbica ou *hippy* ou coisa que o valha, assentas arraiais e esqueces-te de que não temos muitas lésbicas ou *hippies* por estas bandas. Se não te pões a pau, o pessoal começa a usar histórias sobre ti para assustar as criancinhas.

Transferi o peso do corpo para a outra perna, sentindo o frio entranhar-se-me no maxilar.

— Criar ovelhas é já de si uma ocupação solitária, por isso não precisas de te isolar à força.

¹ *Lavrador Procura Mulher* — série televisiva australiana. (NT)

Olhei para Don, pestanejando, e seguiu-se uma longa pausa. O *Dog* gemeu. Também já tinha ouvido esta conversa muitas vezes.

— Então que é que matou a minha ovelha? — Não me ocorreu mais nada para dizer.

Don suspirou e virou-se para a ovelha. À luz da manhã, parecia ter uns cem anos; as manchas da idade nas maçãs do seu rosto estavam arroxeadas.

— Uma marta é capaz de desfazer uma ovelha depois de morta. Ou uma raposa. — Levantou a cabeça da ovelha para lhe examinar os olhos. — Os olhos foram arrancados — observou —, o que pode ter acontecido foi que a mataram e depois todos os outros animais fizeram um festim com ela. — Levantou mais a cabeça e espreitou por baixo onde se abria uma caverna entre as costelas do animal. Franziu a testa. — Mas nunca vi nada por aqui que esfolasse assim um animal.

Apalpei o bolso das calças onde guardava os cigarros e, em seguida, toquei no alto da cabeça gordurosa do *Dog*. Um corvo grasnou *cri-crá* e *cri-crá*. A *Midge* empertigou-se no banco e todos olhámos para as árvores escuras do outro lado da vedação.

— Diz mas é a esses putos, se os vires, e a quem mais quiser saber, que se apanho alguém perto das minhas ovelhas lhe prego um tiro.

Dei meia-volta ao carrinho de mão e comecei a descer o caminho que ia ter casa.

— Como queiras — rematou Don —, e feliz Ano Novo para ti também.

Falta uma semana para o trabalho em Boodarie terminar. Estou no duche do lado do alpendre do trator, observando a minúscula aranha de dorso vermelho que está sempre empoleirada na cabeça do chuveiro. Não se mexeu um milímetro, exceto para levantar uma pata quando abro a torneira, como se a água estivesse demasiado fria para ela.

Foi um dia longo e quente: finais de março, e sob o telhado de chapa galvanizada a atmosfera no tendal estava de cortar à faca, com moscas inchadas a zumbir lá dentro. O champô está a acabar mas uso uma boa dose e sinto a espuma a escorrer-me para as cavidades e fissuras, a água refrescando-me as costas onde as cicatrizes ardem e latejam com o suor. Sobre mim, atrás da aranha, o céu está a escurecer rapidamente — a noite aqui cai depressa, ao contrário da cidade onde se pode passar a noite inteira a trabalhar sem dar conta da diferença em relação ao dia, a não ser pela menor afluência de clientes. As primeiras estrelas são agulhas brilhantes e, na velha figueira-da-austrália, que pende sobre o alpendre do trator e larga nozes no telhado enquanto durmo, um *currawong* e um *galah* branco travam-se de razões; ouço os veementes queixumes de ambos. Uma raposa-voadora passa por cima e, num abrir e fechar de olhos, o cheiro do lugar altera-se e a noite instala-se. Alguém se move do lado de fora do tabique de tábuas do chuveiro e eu suspendo o movimento das mãos na cabeça para escutar.

— Greg? — chamo, mas ninguém responde. Fecho a torneira para ouvir. A aranha pousa a pata. — Greg? — As bolhas de espuma continuam densas no meu cabelo e crepitam-me dentro

dos ouvidos. Passa-me pela cabeça a ideia de ser encontrada sozinha, naquele lugar de má memória, levada, amarrada e deixada a apodrecer no meio das ervas altas e secas. Paira um odor a gordura e a ovos estrelados. Alguém caminha silenciosamente em redor do chuveiro. Pode ser qualquer um dos membros da equipa, pode ser o Alan que está a ficar cada vez mais surdo, à procura de fita isoladora ou querosene ou baterias ou trapos. Mas não é, isso pelo menos torna-se claro pela mudança no ar.

— Greg? — Estou a menos de 150 quilómetros de casa do Otto, o mais próximo que estive desde que parti, mas apesar disso, em sete meses, viajei por todo o país e, mesmo que ele tenha o faro de um sabujo, baralhei-lhe as pistas. *Baralhei-lhe as pistas*, artigo sem som.

As tábuas à minha direita escurecem e, através de um nó vazado no veio da madeira, surge um olho, fazendo-me recuar e perder a fala.

— Sei tudo sobre ti — diz o olho. — Não me enganas; sei tudo sobre ti e sobre o que fizeste — continua e a voz é grossa e empastada e distingue-se o cheiro a ovos podres e lanolina, misturado com uísque e partes por lavar.

Baralhei-lhe as pistas, passaram sete meses e baralhei-lhe as pistas, mas o coração bate-me forte no peito e tenho de levar a mão à parede para me apoiar. A aranha reage, roda num pequeno círculo e volta a imobilizar-se. O olho treme e passa-me pela ideia cravar-lhe a unha do polegar, mas não consigo tocar-lhe e não há mais nada de afiado para lhe espetar. O olho sobe e desce, a íris de um azul leitoso.

— Sei muito bem quem tu és — diz o olho. Desaparece e a sombra afasta-se. O meu coração ressoa violentamente. Olho através do nó na madeira e vejo o Clare a afastar-se tropegamente na direção do tendal. Esteve fora a semana toda e descobriu qualquer coisa.

Saio disparada do chuveiro sem enxaguar o champô, contornando o alpendre e dirigindo-me para o meu quarto. Visto um par de cuecas, calções e uma *T-shirt* sem mangas e começo a enfiar o resto na minha mochila. *Se estavas tão certa de que ele nunca mais te encontrava*, diz-me a razão, *porque é que estás assim tão pronta a partir, porque é que todos os teus pertences cabem numa mochila?*

Está tudo lá dentro exceto a minha tesoura de tosquiar, que deixei na bancada ao lado da mesa da lã para afiar de manhã. E a carapaça de uma cigarra que o Greg me deu no mês passado quando me convidou para ir até Gold Coast com ele assim que o trabalho acabasse. Seguro-a na palma da mão e ela vibra com o meu pulso.

— Só um mês à beira-mar. A pescar, a nadar, a beber cerveja — tinha ele dito. — Para limpar o pó do corpo antes do próximo trabalho.

Pouso de novo a pele na prateleira e vou à procura do Greg na cantina.

Quase todos se reuniram para o jantar e eu passo os olhos pelo banco à procura do Clare, mas não há sinais dele. Sento-me ao lado do Greg, que está a falar com o Connor sobre motores de barcos, e tento dar a entender que quero falar com ele, pousando-lhe a mão no ombro. Ele aperta-me a coxa debaixo da mesa mas não se vira, demasiado absorvido na conversa.

— ... tão enferrujado que abriu um buraco e caiu na sentina — diz ele, e o Connor, que está a beber pela lata, diz:

— Pois. É exatamente o que acontece... as pessoas esquecem-se — a sua voz adquire um tom agudo de incredulidade —, no que toca a motores... não há nada pior que a água.

— Nem mais — diz Greg enquanto eu me mexo inquieta ao lado dele. Não quero que mais ninguém perceba que há um problema.

— Estás bem? — pergunta Greg, distraído com o meu desassossego.

— Preciso de falar contigo — digo em surdina.

Greg olha momentaneamente para mim, bebe um gole da bebida e passa-me o braço pelas costas.

— Podemos ir para outro lado?

— Estão quase a servir o jantar.

— Sim, mas...

— Sussurra.

Chego-me a ele. Imagino que as pessoas pensem que estamos a ter um momento de intimidade, mas ninguém parece especialmente interessado. Colocam à minha frente um bife cinzento e de mão em mão são passadas travessas de batatas cozidas.

A minha boca fica seca.

— Já viste o Clare?

— O jipe dele está aí, deve andar lá fora em algum lado. Porquê? Que é que ele te deve?

— Nada. É só... Ouve, podemos ir a Gold Coast?

Ele lança-me um olhar de desespero, como quem não sabe o que deu a esta louca.

— Sim. Fui eu que sugeri. Porquê, estás a ter algum ataque ou coisa parecida? — Serve-se de seis grandes batatas e passa-me a travessa, que eu passo ao Stuart do outro lado.

— Digo agora. Podemos meter-nos no carro e partir já?

— Porquê? Que é que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Apetece-me ir agora.

Greg mostra-se confuso.

— A mim também, mas temos de acabar o trabalho.

— Porquê?

Greg está a mastigar um pedaço de bife.

— Porquê? Porque estou entre amigos, não os vou deixar com um homem a menos. Além disso, se abandonarmos o trabalho mais cedo, não recebemos o bónus... só falta uma semana. Não é muito. — Engole e estende a mão para um papo-seco no centro da mesa. — Sid — grita —, este pão continua a ser feito com a farinha de merda? — Sid não responde e Greg encolhe os ombros e limpa o prato com o pão.

— Não és capaz de acreditar em mim quando digo que temos de ir agora? — insisto.

Ele pousa o pão.

— Porque é que *temos* de ir agora? Que diferença faz? Assaltaste um banco?

Abro a boca para falar, mas não há nada que possa dizer-lhe.

— Estás a ver? — diz ele, voltando a pegar no garfo. — Não há problema nenhum. É tudo muito simples. Está é um calor dos diabos, mais nada, daqui a uns dias estamos em Gold Coast.

Começa a circular outra travessa, desta vez com salsichas. Quando a passo ao Stuart, ele olha para mim com uma expressão estranha.

— Não comes salsichas? — pergunta.

— O quê?

— Estás de dieta, é?

Ignoro-o, mas o Greg também repara e acena-me com as salsichas.

— Espera, espera, espera, se ela não quer, como eu as dela.

— E tira mais duas com o garfo.

— Porque é que as duas extra são para ti? — pergunta Stuart.

— Porque ela é a minha pequena.

— Essa agora! Não é justo.

— É assim mesmo — confirma Denis lá do fundo. — Ela é a rapariga dele, quer dizer que as salsichas passam a ser dele.

Sinto-me arrependida de não me ter servido das salsichas.

Tenho até ao fim do jantar para o convencer.

Greg comeu o meu bife e duas grandes taças de salada de fruta de lata, com as brilhantes cerejas vermelhas e os cubos pálidos de melão, são distribuídas pela mesa.

Alguém protesta:

— O quê, não há gelado?

Sid põe na mesa dois tijolos dele, do tipo que se corta com uma espátula e que são amarelo-vivos como queijo, e o Connor corta uma fatia de cinco centímetros e cobre-a com uma colher de salada de fruta.

— Pelo-me todo por gelado misturado com sumo da fruta — diz ele em voz alta a quem quiser saber e depois pega nas cerejas uma a uma com os dedos, com o dedo mínimo bem levantado, e alinha-as do lado do prato —, mas estas pindéricas que se lixem.

Clare aparece à porta, enquadrado pela noite. A luz fluorescente na cantina fá-lo parecer que refulge. Apoia-se ao caixilho da porta e varre a mesa comprida com os olhos. Espero que o seu olhar pouse em mim e, quando isso acontece, vejo no seu rosto uma expressão de prazer que reconheço. Estou encurralada. O sangue pulsa na coxa do Greg ao meu lado. O Connor rapa o prato com a colher e o Steve, ao lado dele, dá um piparote numa das cerejas que aterra no colo do Stuart. Este mostra o dedo ao Steve sem tirar os olhos da tigela. O Alan, na cabeceira da mesa, está a ler o jornal, desinteressado. Está a beber cerveja. E, no meio de tudo

isto, o Clare fita-me e eu sei que estou perdida, sei que chegou o fim. Ele avança na sala e passa lentamente por mim. Esforço-me por não esticar o pescoço para segui-lo, tento não prever o seu passo seguinte. Ele põe uma mão no ombro do Greg e inclina-se para ele, e eu entro em tensão à espera do fim. Greg levanta os olhos, o Clare dá-lhe uma barra de *Violet Crumble* e a cara do Greg abre-se num sorriso.

— És o maior — diz Greg. — Agora já posso mandar esta porcaria à merda — diz ele, indicando a salada de fruta e rasgando ao mesmo tempo o papel púrpura. Clare continua descontraidamente, sem dizer nada, limitando-se a lançar-me um olhar de soslaio. Greg parte a ponta da barra de chocolate e dá-ma. Aproveito um momento em que Greg está virado para o outro lado para a desfazer em pó debaixo da mesa.

Vou ao tendal buscar a minha tesoura de tosquiador e não penso no que vai acontecer a seguir. O tendal cheira bem. Suor e bosta, lanolina e aguarrás. Não consigo imaginar-me longe daqui. Uma sarigueia está a esgaravatar no telhado de chapa. Encaminho-me lentamente para o barracão onde durmo, detendo-me por um momento no escuro, onde distingo a nesga de luz quente na cantina e uma vista de perfil do Greg que está a rir-se, leva a cerveja aos lábios, bebe, pausa-a e limpa a boca às costas da mão. Mordo a ponta da língua e tento congeminar um plano de última hora que ponha fim a isto. Nada me ocorre e, dando meia-volta, sigo os meus passos até ao barracão.

Clare está deitado na minha cama de botas calçadas, a fumar um cigarro enrolado. Paro à porta, mas ele ouviu-me chegar e está preparado para mim com um sorriso rasgado. Deixo-me ficar à porta, a pensar se poderei virar costas, regressar ao tendal e esconder-me debaixo de um velo.

— Sabes onde passei a semana? — pergunta ele, baloiçando as pernas para fora da cama e pondo-se em pé. — Sai daí da entrada, linda — diz ele —, pareces uma prostituta. — Sorri ainda mais, se é que tal coisa é possível. Expele uma baforada de fumo que turva o ar entre nós. — Planos de viagem? — questiona numa

voz que parece saída da televisão. Dá um pontapé ao de leve na minha mochila. A sua voz não esconde a excitação.

— O Ben avisou-me sobre os cartazes... fotos tuas pespegas por aí em todo o lado. Sabias? Tive de ir ver com os meus próprios olhos... mas és tu, sim, não há que enganar. — Tira do bolso de trás uma folha de papel rasgada e dobrada. Desdobra-a lentamente, casquinando entre dentes, e mostra-ma. Ali estou eu a preto e branco, sentada no meu edredão com o pónei cor-de-rosa estampado, a sorrir para a câmara. Tenho um ursinho de peluche no regaço e as mãos enterradas nele, embora não estejam à vista, como não está o urso nem o edredão nem o velho que tirou a fotografia nem a cadela a guardar-me lá fora. Só se vê a minha cara, o sorriso para a câmara. Em cima, em letras maiúsculas, diz DESAPARECIDA e eu capto as palavras «neta... um perigo para si mesma» em baixo, mas não consigo ler tudo porque se torna escuro de repente.

— Liguei para o número, Jake, e sabes o que descobri?

— Não sei do que estás a falar. Ele não é meu avô.

— Oh, eu sei, eu sei. Coitado do velho, «Otto». Tivemos uma longa conversa. Fui falar com ele à quinta, aquilo não passa de uma tapada de ovelhas mortas, e a única coisa que o homem diz é que lhe mataste a cadela e lhe levaste o dinheiro e que afinal só queria tirar-te da rua. Disse que levaste tudo o que tinha valor para ele, até a furgoneta lhe levaste, o desgraçado não podia deslocar-se à cidade, ficou dependente dos Salvos para lhe levarem provisões uma vez por semana até conseguir pôr a caranguejola velha a funcionar. Também vi o que lhe fizeste, puseste-a num estado lastimoso.

— Não pus nada, só...

— Olha que eu vi. O velhote desfazia-se em lágrimas quando falava da cadela.

— Eu só...

— Chiu! — diz Clare, mas em voz alta. Sai da cama num movimento fluido e aproxima-se lentamente de mim, pegando-me pelos braços que estão frouxamente caídos dos lados. Conduz-me para diante da bancada e encosta-se a mim, a virilha indisfarçavelmente volumosa.

— Podes tê-los enganado, mas a mim não me enganas.

Começo a salivar. Lanço um olhar para a porta. Que poderia acontecer se Greg aparecesse agora?

— Sabes o que tens? Tens duas opções. Talvez possas convencer-me a ficar calado. — O hálito do Clare é como chocolate quente encostado à minha cara. Sussurra de uma maneira que sugere que daqui a pouco vai começar a gritar. — Podes mostrar-me parte do que mostraste a toda a gente em Hedland... — O coração anda-me aos saltos por todo o corpo. Uma parte estúpida de mim pensa: *Pode ser que ele não diga nada*, mas a parte de mim que sabe que isto não vai ter fim e que não posso ficar aqui fala mais alto. — Um bocadinho de ternura... não peço muito... não era capaz de foder a gaja de um amigo... talvez só a boca. — E eu vejo nitidamente o filme todo, o fundo da garganta, o cabelo agarrado num rabo de cavalo e as palavras que ele vai dizer enquanto faz aquilo e como depois vai ser tudo ainda pior, como ele se vai livrar de mim de uma maneira ou de outra e em grande estilo. — Ou — diz ele, passando o dedo pela curva exterior do meu seio —, ou posso dizer ao Otto onde te pode encontrar, e à polícia. — Começa a desapertar-me os calções e tira a minha *T-shirt* cavada para fora, enfiando uma mão e tentando meter os dedos por baixo da minha roupa interior. — Nem sequer preciso de contar ao Greg, não falta quem lhe conte por mim. — Arrasta um dedo pela minha virilha e, como um jogo mecânico na feira de diversões, qualquer coisa dentro de mim desperta e prego-lhe um murro no queixo com a mão direita e ele estatela-se no chão a sangrar.

Não consigo apertar os calções porque me magoei seriamente na mão com que lhe bati, que ficou a latejar num punho inchado de carne.

Saio do barracão sem olhar para ele, mas ouço-o a remexer-se no pó e a soltar um grunhido molhado. Tenho praticamente a certeza de que lhe parti o maxilar.